

Lagoa de Barra Velha: transformações e dinâmicas da paisagem

Barra Velha Lagoon: landscape transformations and dynamics

José Carlos **FAGUNDES**¹; Allison L. **TIETZ**²; Lucas J. **PETROSKI**³ & Denise M. D. da S. **MOUGA**^{4,5}

RESUMO

No litoral norte do estado de Santa Catarina, encontra-se a Lagoa do Itapocu, com 12 km de comprimento, cuja barra se situa aproximadamente no meio dessa extensão, saída que está atualmente consolidada por molhes construídos em 2011. A porção sul da lagoa, denominada Lagoa de Barra Velha, tem 6 km de extensão. A denominação Barra Velha sugere ter havido, no passado, saída do Rio Itapocu em Barra Velha (BV). O presente estudo, por meio de análise de documentos e imagens, buscou reconstruir os eventos que se sucederam no passado. Os registros analisados permitem retratar o tempo pregresso da região da lagoa e indicam fortemente que houve sucessivamente mudança da foz do Rio Itapocu, que tanto estava mais para o norte que a região dos molhes atuais quanto para o sul, quando desembocava na região da Praia Central da cidade de BV atual. Tais mudanças são atribuíveis à movimentação característica desse tipo de desembocadura. Intervenções antrópicas nos séculos XX e XXI acrescentaram alterações na paisagem. O estudo das modificações ambientais naturais e antrópicas ocorridas no município de BV no passado e o conhecimento de sua conformação resultante no presente permitem ampliar a compreensão das dinâmicas do ambiente, numa perspectiva de análise da paisagem.

Palavras-chave: análise ambiental, laguna, Rio Itapocu.

ABSTRACT

On the northern coast of Santa Catarina, lies the Itapocu Lagoon, 12 km long, whose mouth is located approximately in the middle of this extension, an outlet currently consolidated by breakwaters built in 2011. The southern portion of the lagoon is called Barra Velha Lagoon and is 6 km long. The name Barra Velha suggests that the Itapocu River once flowed into Barra Velha. This study, through the analysis of documents and images, sought to reconstruct the events that occurred in the past. The records analyzed allow us to trace the past history of the lagoon region and strongly indicate that the mouth of the Itapocu River changed successively, sometimes further north than the region of the current breakwaters and sometimes further south, when it flowed into the central beach area of the current city of Barra Velha. These changes are attributable to the characteristic movement of this type of river mouth. Anthropogenic interventions in the 20th and 21st centuries have added alterations to the landscape. The study of natural and anthropogenic environmental modifications that occurred in the municipality of Barra Velha in the past, and the knowledge about their resulting conformation in the present, allows for a broader understanding of environmental dynamics, from a landscape analysis perspective.

Keywords: environmental analysis, Itapocu River, pond.

Recebido em: 14 dez. 2025

Aceito em: 11 jun. 2026

¹ Secretaria Municipal de Educação de Barra Velha, Barra Velha, SC, Brasil.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pós-graduação em Entomologia, Centro Politécnico, Curitiba, PR, Brasil.

³ Universidade da Região de Joinville (Univille), Departamento de História, Joinville, SC, Brasil.

⁴ Univille, Departamento de Ciências Biológicas, Rua Paulo Malschitzki, n. 10, Campus Universitário, Zona Industrial – CEP 89219-710, Joinville, SC, Brasil.

⁵ Autor para correspondência: denisemouga@gmail.com.

INTRODUÇÃO

No estado de Santa Catarina, no litoral norte, encontra-se a Lagoa do Itapocu, que se estende por cerca de 12 quilômetros ao longo da costa. Essa lagoa é uma depressão formada no estuário atlântico pelo Rio Itapocu, ficando localizada na borda litorânea e estabelecendo uma barreira costeira de sedimentos. O Rio Itapocu desemboca na lagoa aproximadamente no meio do comprimento desta, dividindo-a em duas porções (norte e sul), determinando os limites entre os municípios de Barra Velha (BV), ao sul, e Araquari e Balneário Barra do Sul, ao norte. A porção sul da lagoa é o trecho conhecido historicamente como Lagoa de Barra Velha; a porção norte é conhecida como Lagoa da Cruz, cada uma com extensão aproximada de 6 quilômetros. A lagoa tem largura média de 200 m, profundidade média de 1,5 m e conecta-se com o oceano através de um canal, próximo à região central da lagoa, que foi estabilizado por molhes no ano de 2011. As trocas fluviais e marinhas ocorrem atualmente na porção central do estuário, sendo a lagoa preenchida com água salgada-salobra (STEINBACH *et al.*, 2015).

Embora o termo “lagoa” tenha se consolidado na cultura local (Lagoa de Barra Velha), ele é utilizado de maneira imprecisa, pois se trata na realidade de uma laguna, no sentido geomorfológico, por estar conectada com o mar. Essa barreira costeira de sedimentos forma, em BV, no lado Atlântico, uma praia conhecida como Praia da Península (figura 1). A área, juntamente com a vegetação de mata ciliar que circunda a lagoa, é protegida legalmente como uma Área de Preservação Permanente (APP). A Lagoa de Barra Velha estende-se até a área central da cidade de BV, onde apresenta aglomeração urbana no seu entorno continental e formação de restinga na parte mais afastada do centro urbano.



Figura 1 – Município de Barra Velha, vista aérea, em 2024. Fonte: PBV (2021).

Lagunas costeiras constituem complexos multifacetados que, apesar de desenvolverem pouca energia hidrodinâmica, são sistemas mutáveis que respondem intensamente às variações do meio ambiente, compreendendo-se aqui impactos de origem antrópica, a saber, instalação humana no espaço e acúmulo de sedimentos. Assim, tais ações são um importante fator modificador do panorama (GIANNINI, 2002).

Diante da relevância ambiental da Lagoa de Barra Velha como um fator econômico e paisagístico na região, do aumento da ocupação humana nas áreas costeiras e da necessidade de compreender os diferentes elementos da paisagem e sua história cultural, foi realizada uma análise dos fatores históricos que levaram à situação atual. O objetivo foi promover a conservação dos ecossistemas

e entender a utilização cultural e territorial. Para isso, foi conduzido um estudo sobre a geografia e a história ambiental da Lagoa de Barra Velha, localizada na planície quaternária da costa, na parte norte de Santa Catarina, no município de Balneário Barra Velha. A pesquisa incluiu um levantamento bibliográfico sobre as características geográficas, geológicas, geomorfológicas e históricas da área, além de investigar informações sobre a ocupação humana e o uso do solo.

BARRA VELHA AO LONGO DO TEMPO

O entendimento sobre a Lagoa de Barra Velha compreende o conhecimento sobre a história do município de BV, que se situa nas coordenadas geográficas 26°37'56" S e 48°41'05" W, com altitude de 13 m, com população estimada em 2023 de 45.300 habitantes (IBGE, 2024).

A ocupação humana da região de BV ocorre desde há cerca de 5.000 AP (antes do presente), o que se comprova pelo mais antigo sambaqui na região, que fica no Parque Natural Municipal Peabiru, em BV, sendo os ocupantes dos sambaquis coletores-caçadores-pescadores (FOSSILE *et al.*, 2024). Após, instalaram-se na região os guaranis (FAGUNDES, 2013a). No século XVII, houve a chegada dos primeiros exploradores europeus, que seguiam pelo continente sul-americano e entraram no caminho que se iniciava no Rio Itapocu, o caminho do Peabiru, para o interior do continente (BERNARDES, 2005). No século XVIII, houve muita procura por ouro e esmeraldas na região e seus exploradores, europeus, acabaram por se tornar habitantes, fixando-se no denominado bairro Escalvado, ao longo do Rio Itapocu (BOER, 1992). Possivelmente, de acordo com Machado & Gomes (2014), no século XIX vieram, em 1812, portugueses e açorianos, de São Francisco do Sul e de São Miguel da Terra Firme, para formar uma colônia de pescadores. Assim, uma vila foi se estruturando ao entorno da área que, contemporaneamente, é conhecida como Praia Central. Presumivelmente, segundo Machado (2014a), essas pessoas permaneceram no lugar, fixaram residências, produziram roças, continuaram pescando para a subsistência de suas famílias, adaptaram-se às condições naturais da região e passaram a viver basicamente da pesca tradicional. Paralelamente à estruturação da vila, foi fundada a primeira colônia de pescadores da região, que, mais tarde, na década de 1960, recebeu o nome de Colônia Z4 (FAGUNDES & SOUZA NETO, 2020). A colônia de pescadores artesanais foi a base para que o município de BV viesse a existir, tendo a cidade crescido no entorno da vila de pescadores, tendo-a incorporado. Restou desse passado o Porto das Canoas/Porto da Cancela, localizado na Praia Central da cidade (FAGUNDES, 2008).

Porém, para Fagundes (2025), o início da fixação de homens brancos na região de BV se deu após a criação do povoado da Vila Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, em 1660, que resultou no município de São Francisco do Sul, ao qual BV pertenceu. BV passou alternadamente à administração de Parati (hoje em dia Araquari) e São Francisco do Sul até 1961, quando BV foi emancipada. Ao longo do tempo, em vista da valorização imobiliária, os pescadores foram perdendo seu território e suas famílias foram saindo da orla da praia, mudando-se para bairros mais distantes.

A HISTÓRIA AMBIENTAL DA LAGOA DE BARRA VELHA

A Lagoa da Barra Velha é a porção sul da Lagoa do Itapocu e é uma laguna, ou seja, uma depressão formada por água salgada ou salobra, localizada na borda litorânea do continente, comunicando-se com o mar através de um canal (DUARTE, 1981). Em geral, as lagunas formam-se em estuários oceânicos de rios que, pela interação com a mecânica do vento e das ondas, geram barreiras de sedimentos que evoluem para esporões arenosos, breves formações rochosas, recifes e acabam isolando as águas salobras daquelas do mar (CORREA *et al.*, 1996).

O nome Barra Velha indica a existência de uma antiga barra da lagoa, em um outro ponto. Antes da implantação dos molhes (em 2011) para consolidar a desembocadura do Rio Itapocu, sua desembocadura movia-se livremente ao longo da costa, apresentando um padrão de migração sul-norte, influenciado pela direção da deriva litorânea local (TIETZ & MOUGA, 2024). Assim, no século

XIX, conforme se observa no mapa da região costeira norte catarinense, elaborado em 1846 por Jerônimo Francisco Coelho (figura 2), referente à demarcação das terras da Colônia Dona Francisca, e que se encontra no arquivo público de Joinville (SC), o Rio Itapocu possuía duas desembocaduras na Lagoa da Cruz, que é a parte norte da laguna (BIBLIOTECA DIGITAL LUSO-BRASILEIRA, 2024).



Figura 2 – Mapa de 1846, retratando a Lagoa do Itapocu, com duas barras (setas em vermelho), uma ao norte e outra próxima à que existe atualmente. Fonte: Biblioteca Digital Luso-brasileira (2024).

Segundo lendas de povos originários, de tempos imemoriais, repassadas por gerações (LOPES FILHO, 2011), num passado muito distante houve chuvas muito abundantes, que provocaram um gigantesco aumento do volume do Rio Itapocu, o qual desaguava na lagoa do Rio Itapocu. Por causa da imensa quantidade de água que chegava, a própria lagoa então se constituiu no leito do rio. Entretanto a desembocadura da lagoa, que possivelmente estava ao norte, não deu conta da quantidade de água que vinha e se rompeu, na área que é chamada agora de Praia Central de BV. A ocorrência de grandes chuvas na região, em si, não é surpresa, já que, em jornais da região do início do século XX, houve relatos de uma enorme inundação (FAGUNDES, 2015), que teria causado grandes problemas e prejuízos na época, atestando assim que a região é sujeita a tais fenômenos.

Barra Velha tem três rios principais correndo no seu território, além de dezenas de pequenos afluentes, cursos d'água e nascentes. Os três rios principais são o Itapocu, o Cancela e o Itajuba (JUNGHANS, 2019). O denominado porto do Rio Cancela era um local aonde pescadores chegavam com seus pescados; sua nascente era próximo à do Rio Itajuba, passava pelo bairro São Cristóvão e sua desembocadura situava-se na Praia Central, até meados do século XX (FAGUNDES, 2013a) (figura 3). Todavia esse rio foi canalizado subterraneamente e não é mais visível (figura 4). A fotografia da figura 4 (galeria subterrânea do Rio Cancela) retrata as proximidades do Mercado Provesi, no bairro São Cristóvão. O Rio Cancela era um rio de porte médio.



Figura 3 – Aerofotogrametria da orla de Barra Velha (SC) em 1938, realizada pela Força Aérea americana. É possível ver a foz do Rio Cancela desaguando na Praia Central (círculo vermelho de baixo) e a parte meridional da Lagoa do Itapocu chegando muito próximo à Praia Central, em formação de dunas de areia e áreas de sobrelavagem (círculo vermelho de cima). Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Santa Catarina.



Figura 4 – Situação, em 2022, do Rio Cancela, canalizado subterraneamente e com lixo. Fonte: Wittmann (2022).

Há relatos de que, na Praia Central de BV, havia duas desembocaduras (sendo uma a do Rio Cancela e a outra a da Lagoa do Itapocu), fato que chamava a atenção em vista de ser incomum (FAGUNDES & SOUZA NETO, 2020). Na figura 5, em fotografia datada do ano 1947, vê-se a desembocadura do Rio Cancela, mas não é possível distinguir se há outra desembocadura na praia. Na linha de raciocínio da grande inundação supramencionada, infere-se que o curso do Rio Cancela desembocava na Praia Central e que o Rio Itapocu veio ali também desembocar, em função da inundação referida.

De acordo com o historiador amador Acacio Borba (*apud* BERNARDES, 2012b), a foz do Rio Itapocu se localizava onde hoje é o centro da cidade e, em virtude de um processo natural de assoreamento, essa foz foi se movendo aos poucos para o norte, até cerca de 5 km, razão pela qual, dessa antiga barra que se localizava no centro de Barra Velha, se deriva o nome Barra Velha.

É reportado também que o Rio Itapocu teria eventualmente se ligado ao Rio Cancela. Em apoio a essas suposições, vê-se, na fotografia da figura 5, que a estrada que vem do costão dos naufragos acompanhando a Praia Central e vai à ponta das canoas faz uma grande volta para chegar à ponta das canoas, contornando a praia, já que não havia ponte para atravessar a desembocadura do Rio Cancela, o que pode pressupor que o volume de água era considerável, pois talvez às águas do Rio Cancela se somassem aquelas do final da Lagoa de BV, alimentadas estas últimas pelo Rio Itapocu.

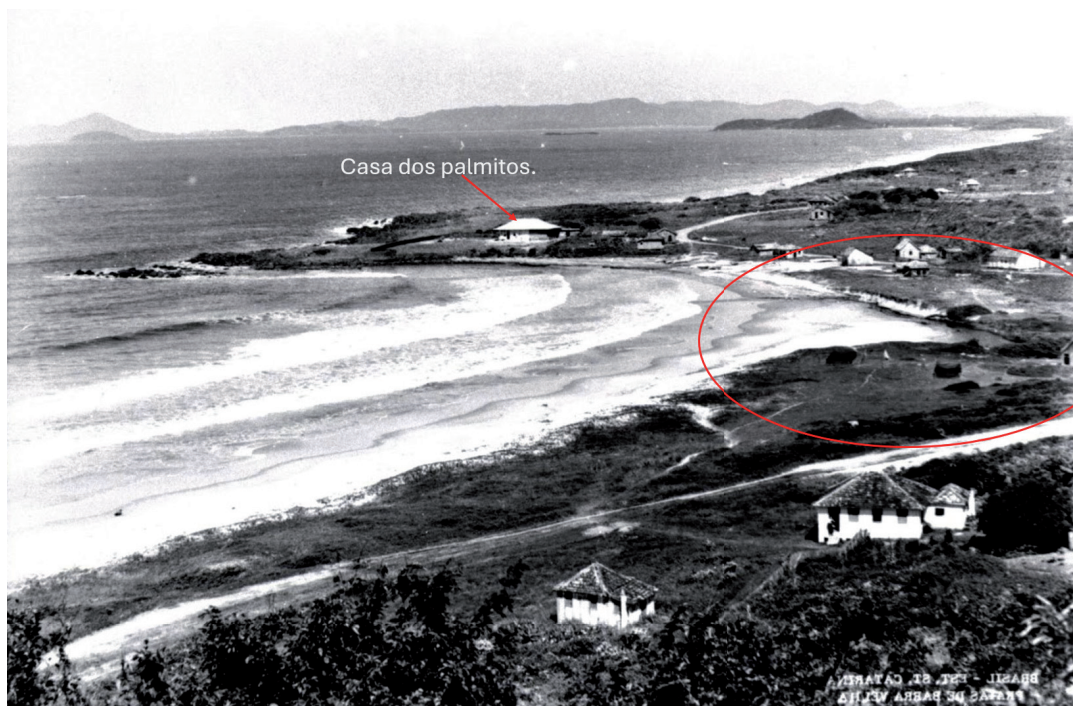


Figura 5 – Vista do Porto de Cancela em 1947 (local denominado hoje Praia Central ou Porto de Pesca Artesanal João Emilio Henrique / Porto de Pesca Artesanal João Cavalinho / Porto dos Pescadores). O círculo demonstra a desembocadura do Rio Cancela. A seta indica a Casa dos Palmitos. Fotografia de Arthur Julio Wischral.

Em quadro de pintura a óleo de autor desconhecido, pode-se ver a desembocadura do Rio Cancela na Praia Central de BV, que se reconhece pelo pontal de pedras (o atual “costão dos naufragos”) (figura 6).



Figura 6 – Aspectos do centro de Barra Velha (Rio Cancela) na década de 1940. Pintura a óleo de autor desconhecido. Acervo de Edson Genaulk.

Havia uma ponte sobre o Rio Cancela, a cerca de 500 m de sua desembocadura na praia, até aproximadamente os anos da década de 1960 (FAGUNDES, com. pes.). Ela foi construída na década de 1930-1940, quando BV ainda era distrito de Araquari. Atualmente, no local da referida ponte, está implantada uma rotatória para onde convergem, em sentido horário em vista aérea, a Avenida SC, a Rua Percival Pattucci, a Avenida SC novamente, a Rua dos Professores, a Rua Guatemala, a Rua Bernardo Aguiar e a Rua Agenor Maia (figura 7).

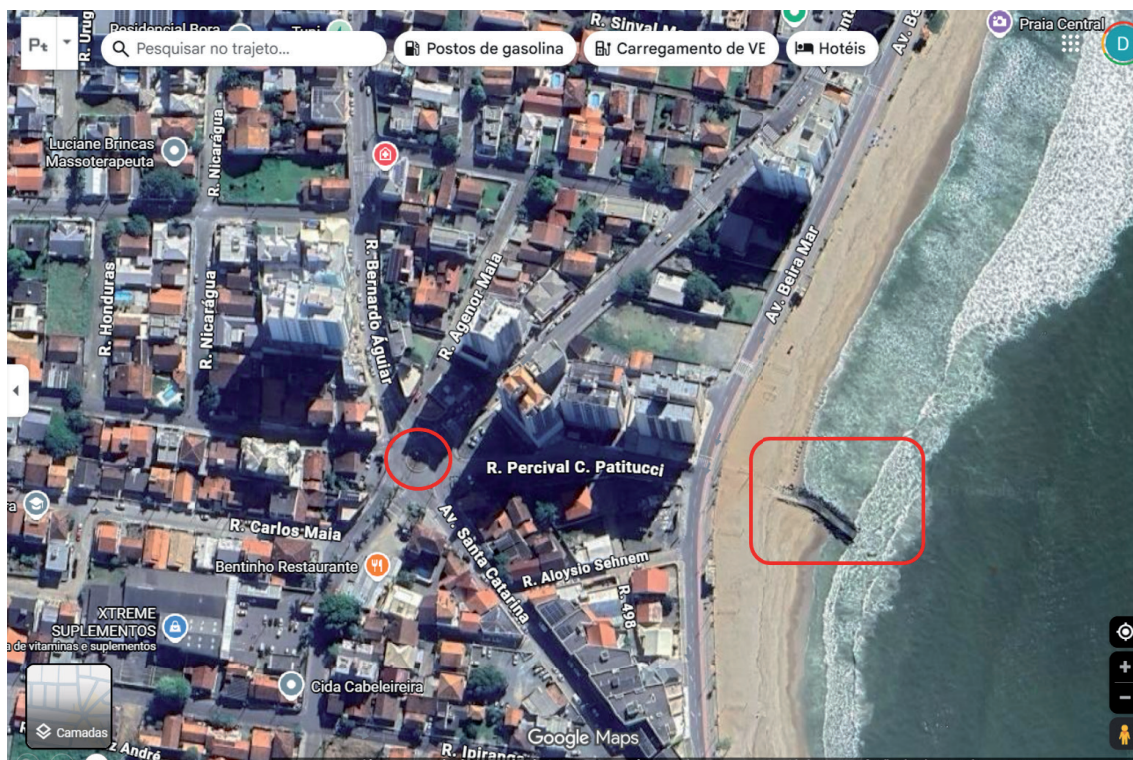


Figura 7 – Vista aérea do centro de BV, vendo-se a rotatória (círculo vermelho) implantada no local da antiga ponte que havia atravessando o Rio Cancela e o pequeno molhe de pedras implantado no local da desembocadura do Rio Cancela. Fonte: Google Maps (2026).

Em mapa de 1796 que representa a localização da sesmaria do tenente reformado José da Silveira Goulart, que estava dentro dos limites do antigo povoado de BV, na jurisdição da Vila de São Francisco do Sul, vê-se que a saída da Lagoa do Itapocu estava dirigida ao norte (figura 8) (FAGUNDES, 2025). Observam-se nesse mapa a nomenclatura “Barra Velha” e a porção sul da lagoa. Na mesma imagem, nota-se que a Lagoa de Itapocu é contígua, praticamente superposta à linha de praia. Percebe-se uma tênue linha dentro da lagoa, logo acima da denominação “Barra Velha”, talvez sugerindo a antiga saída da lagoa. Veem-se também no mapa a representação do Rio Cancela, como o rio que desemboca na atualmente denominada Praia Central, e a Ponta de Pedras, atualmente denominada Costão dos Náufragos. O mapa mostra assim que, no fim do século XVIII, já não havia barra do Rio Itapocu (desembocadura de rio) em BV, datando, dessa forma, portanto, o fechamento de tal barra em período anterior à data do mapa (1796).

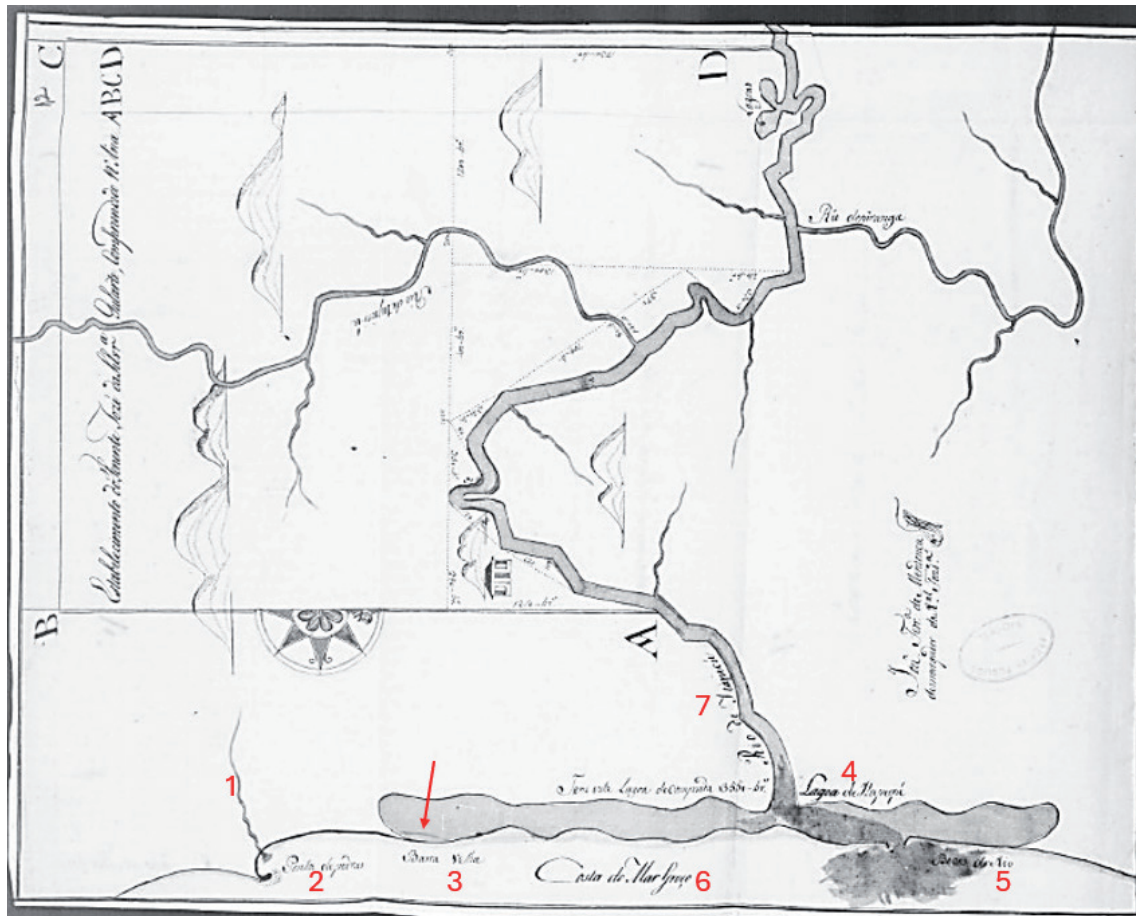


Figura 8 – Mapa do estabelecimento da sesmaria do tenente reformado José da Silveira Goulart, que foi concedida por José Luis de Castro (conde de Resende). A repartição da sesmaria, datada de 1796, estava dentro dos limites do antigo povoado de Barra Velha, na jurisdição da Vila de São Francisco do Sul. Legenda (números em vermelho): 1) Rio Cancela; 2) Ponta de Pedras; 3) Barra Velha; 4) Lagoa de Itapocu; 5) boca do rio; 6) Costa de Mar Groço (sic); 7) Rio Itapocu. Seta vermelha: possível saída da Lagoa de Itapocu na Praia Central de Barra Velha. Fonte: Fagundes (2025).

Por outro lado, em jornal do século XIX de Desterro (atualmente Florianópolis), denominado *O Argos da Província de Santa Catharina*, de 1861, menciona-se que a barra do Rio Itapocu já esteve na extremidade sul da praia que bordeia a lagoa de BV, junto à cancela da propriedade de um denominado Joaquim Antonio Marcellino, no que seria o centro da BV de hoje (figura 9).



Figura 9 – Página 2 do jornal *O Argos da Província de Santa Catharina*, com data de 1.º de julho de 1861, em que é mencionada a saída do Rio Itapocu em Barra Velha. Fonte: acervo do Arquivo Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Decorrido o tempo, a vazão do Rio Itapocu decresceu e a lagoa voltou a ser seu desaguadouro mais calmo. Com isso, a saída do Rio Itapocu na Praia Central de BV foi diminuindo de fluxo, foi se assoreando e possivelmente se fechou naturalmente. Na fotografia da figura 10 observa-se o final da Lagoa do Itapocu, fechado, sem passagem para a Praia Central. Na fotografia, percebe-se que a laguna se estendia até os pés de elevação do que hoje é denominado Morro do Cristo, aproximando-se do atual Porto dos Pescadores, na Praia Central.



Figura 10 – Aspectos do final da Lagoa do Itapocu em 1938, próximo ao centro de BV. Ao fundo, é possível observar o “promontório” do distrito que, posteriormente, a partir de 1943, passaria a ser denominado Morro do Cristo, pois foi inaugurada uma estátua do Cristo Redentor nessa data. No canto direito da fotografia, a antiga igreja de Barra Velha. Créditos: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Valério dos Passos. Fotografia de Arthur Júlio Wischral.

A fotografia da figura 11 mostra que a lagoa havia entrado em um período de estabilidade, com águas relativamente estagnadas na porção mais próxima de BV e presença de vegetação paludosa em suas margens. Observa-se o trecho final da lagoa já associado ao manguezal.



Figura 11 – Aspectos da lagoa de Barra Velha em 1938, na sua extremidade meridional. Do lado esquerdo, a pousada/hotel de dona Judith Aguiar; do lado direito (início da atual Rua Paraná), um casarão antigo, com características da arquitetura luso-açoriana; ao fundo, a antiga igreja com a fachada voltada para o mar. Na época, é possível observar que a vegetação da praia da península está bem rala (em primeiro plano na fotografia). Além do mais, a lagoa está mais próxima à Praia Central e praticamente aos pés do Morro do Cristo (atual). Créditos: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Valério dos Passos. Fotografia de Arthur Júlio Wischral.

O naturalista francês Saint-Hilaire, no início do século XIX (1820), realizou uma viagem de estudos em Santa Catarina, saindo de São Francisco do Sul (SFS) e indo a Desterro (atualmente Florianópolis). Saiu de SFS de barco, entrou pelo rio d' Araquari (*sic*) (atual canal do Linguado), desembarcou na barra do Rio d' Araquari (atualmente Barra do Sul), continuou por terra (a cavalo) até a desembocadura da lagoa do Rio Itapocu no mar (que era mais ao norte do que atualmente), atravessou essa desembocadura de barco, retomou o cavalo e desceu por terra a lagoa do Rio Itapocu pelo lado da praia (que ele descreve como uma língua de terra, atualmente denominada Praia da Península). Depois, Saint-Hilaire afastou-se da praia, andou por áreas planas cultivadas e chegou à desembocadura do Rio de Itajuba (*sic*), que ele atravessou a pé na maré vazante (com água pela cintura), e aí chegou à praia da Piçarra (atualmente Piçarras). Assim, pela descrição de Saint-Hilaire, entende-se que ele chegou a BV por terra, acompanhando a praia da península e, no final desta, passou por área de terra, o que implica o fato de que a desembocadura do Rio Itapocu em BV não era mais impeditiva à passagem, indo-se da praia às terras mais continentais. Pressupõe-se que Saint-Hilaire contornou o final da lagoa (a parte que tinha sido assoreada) e adentrou as terras cultivadas. Saint-Hilaire afirma: “Sua entrada (da lagoa do Itapocu), mais setentrional (ao norte) que o próprio leito do rio, é estreita e já mudou várias vezes; a parte da lagoa que fica ao norte dessa entrada tem o nome de Lagoa da Cruz e mede, ao todo, meio quarto de légua; a parte meridional chama-se Lagoa da Barra Velha, porque era por ali que antigamente as águas se escoavam”. A afirmação de que era ali (em Barra Velha) que, antigamente, o Rio Itapocu escoava para o mar foi transmitida a Saint-Hilaire por pessoas com quem conversou. Assim, o fechamento de saída (da Lagoa do Itapocu por Barra Velha) ocorreu antes do século XIX, já que Saint-Hilaire esteve na localidade em 1820.

Em 1860, o pintor francês Jean Léon Pallière realizou uma viagem a cavalo de SFS a Desterro (atualmente Florianópolis) e passou sobre o Rio Itapocu. Ele relata que o volume de água era muito grande, que havia muita correnteza e que, por isso, chamou um canoieiro para atravessar, o que indica que não era possível passar a vau, conforme se lê no diário de suas viagens na América do Sul, publicado em 1945 pela editora Peuser, da Argentina.

Houve novamente, após o que está aqui relatado, eventos de precipitações pluviométricas consideráveis, segundo notícias de jornais da época (LOPES FILHO, 2011). Por outro lado, a saída do Rio Itapocu, entrementes, havia migrado de BV para posições mais ao norte. Nas figuras 12 e 13, observam-se várias posições da desembocadura do Rio Itapocu ao longo dos anos de 1938, 1957, 1978, 1996, 2009 e 2011.



Figura 12 – Migração lateral da foz do Rio Itapocu nos anos de 1938, 1957, 1978, 1996, 2009 e 2011. Fonte: Nass & Vieira (2017).



Figura 13 – Aerofotogrametria da orla de Barra Velha (SC) em 1938, realizada pela Força Aérea americana. É possível ver a foz do Rio Itapocu desaguando mais ao norte, junto à Lagoa da Cruz. Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Santa Catarina.

Novamente, a saturação em água da Lagoa do Itapocu, por várias vezes, acarretou transbordamentos da laguna (*wash-over* ou delta de maré vazante ou sobrelavagem) que carregaram depósitos de sedimentos da língua de areia (península) para o mar (formação em leque) e provocaram o rebaixamento de partes da península e a perda de sua vegetação localizada (figura 14 – A, B e C).

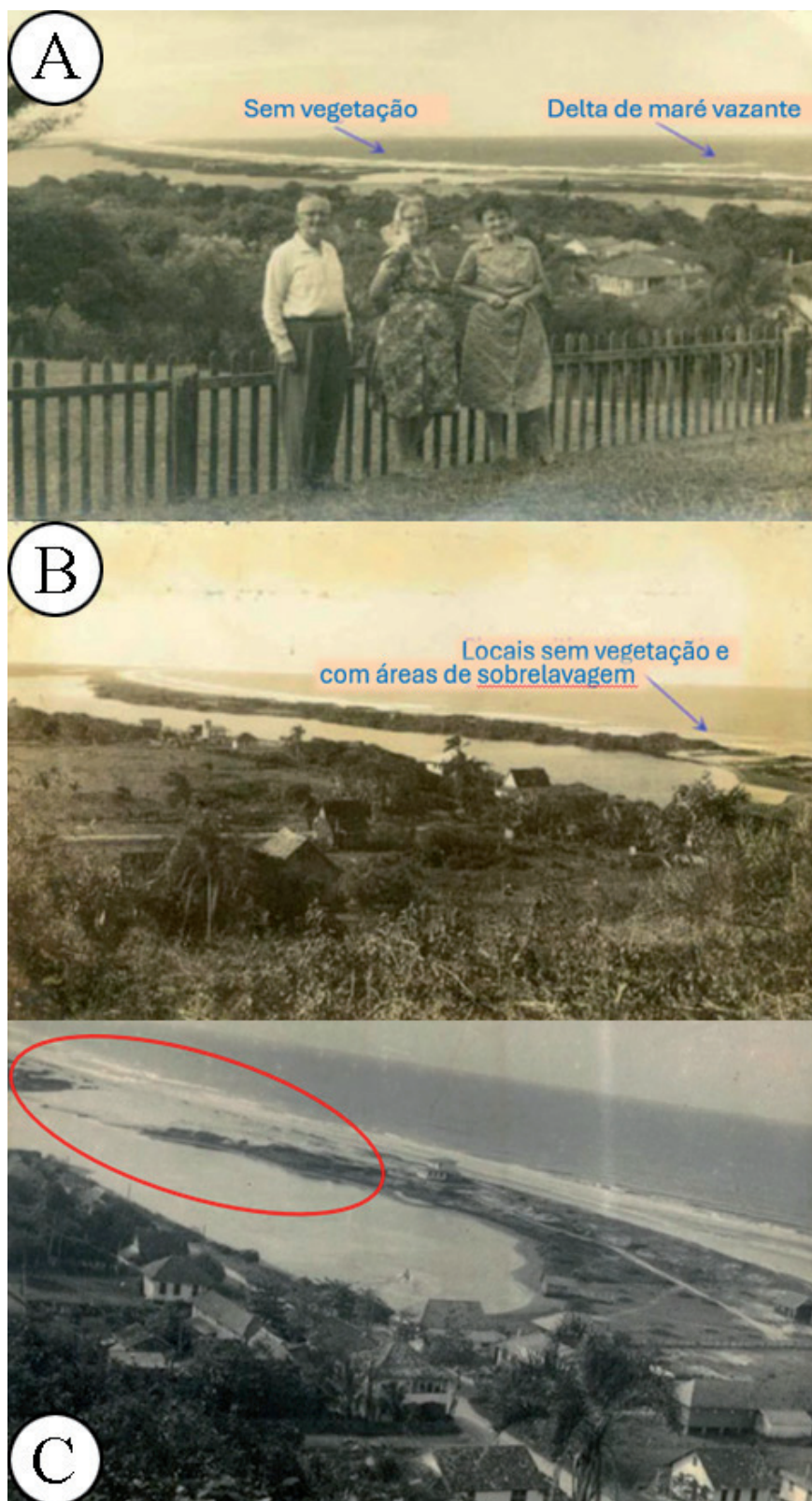


Figura 14 – Lagoa do Itapocu, meados do século XX. Veem-se, ao fundo, a área do esporão arenoso sem vegetação (provável área de sobrelavagem) e delta de maré vazante correspondente. Fonte: Perk (2006).

Esses transbordamentos foram rareando com o tempo, em função do alargamento da desembocadura do Rio Itapocu mais ao norte, que diminuía a quantidade de água na lagoa, e a área de transbordamento (sobrelavagem) foi se cobrindo com vegetação (figuras 15 e 16).



Figura 15 – Final da Lagoa do Itapocu, em 1947, junto a BV, com a área do esporão arenoso já mais vegetada, indicando mais tempo decorrido e recobrimento por vegetação no local de sobrelavagem, em decorrência da abertura de barra da lagoa mais ao norte, diminuindo a pressão sobre o esporão arenoso. Fotografia de Artur Júlio Wischral.



Figura 16 – Parte meridional da Lagoa de Barra Velha, em 1947. Em primeiro plano, é possível ver a pousada de dona Judite Aguiar (em amarelo) e a Lagoa (laguna) de Barra Velha, atrás. Fotografia colorizada por computador. Fotografia de Artur Júlio Wischral.

Em função da movimentação da desembocadura da Lagoa do Itapocu, foram construídos os molhes em 2011, para estabilização (figura 17).

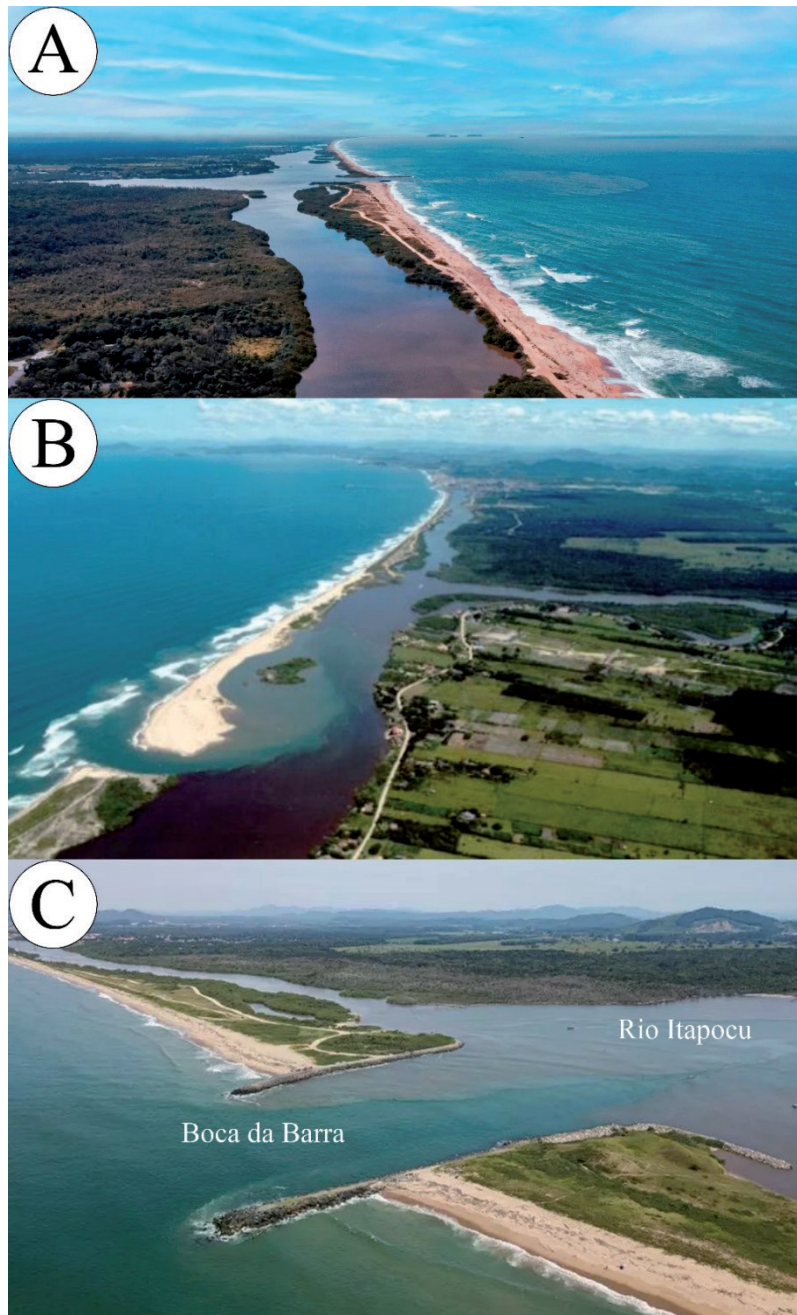


Figura 17 – A) Lagoa de Barra Velha em primeiro plano; ao fundo, a Lagoa da Cruz. Fonte: Albuquerque Junior & Fermino (2017); B) Lagoa da Cruz em primeiro plano; ao fundo, a Lagoa de Barra Velha. Fotografia tirada antes da implantação dos molhes, que foram instalados em frente à desembocadura do Rio Itapocu na lagoa. Fonte: Albuquerque Junior & Fermino (2017); C) desembocadura (barra) do Rio Itapocu na lagoa e os molhes construídos. Fonte: Fumtec (adaptado).

Assim, entende-se que, no passado, por momentos é possível que o Rio Itapocu tenha corrido por dentro da calha da Lagoa do Itapocu, em direção ao sul, e que a saída da lagoa era na Praia Central de BV. Além do mais, havia na mesma praia a desembocadura do Rio Cancela. A documentação fotográfica e documental aqui apresentada corrobora esses fatos para os séculos XIX e XX.

No século XX, com o passar dos anos, a colônia de pescadores de BV e muitas famílias foram perdendo parte do território original, que era a antiga vila dos pescadores e se localizava nos

arredores da extremidade sul da laguna e na Praia Central, no então denominado Porto das Canoas, que antigamente também se chamava Porto do Cancela e que em imagens antigas é o local que se apresenta com muitas canoas (figura 18A). O Porto do Cancela situava-se próximo ao Costão dos Naufragados (local onde há um cruzeiro, em função de sinistro de navio ocorrido em 1865, envolvendo combatentes da Guerra do Paraguai) (figura 19). Em fotografias antigas (primeira metade do século XX), observa-se que as canoas dos pescadores estão dispostas aproximadamente no mesmo local em que estão hoje (figura 18B). Atualmente, as canoas ocupam apenas uma pequena parte da praia.



Figura 18 – Praia Central de Barra Velha. Legenda: A) o Porto do Cancela antigamente; B) o porto atual (colônia de pescadores); C) vista aérea da praia atual. Fontes: A) Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Valério dos Passos (fotografias de 1937 e 1947, superpostas); B) Machado (2014b); C) PBV (2021).

A diminuição de área ocupada pelos pescadores teve seu início na década de 1970 em função da valorização imobiliária decorrente da atividade de turismo (MACHADO, 2014b; MACHADO & GOMES, 2014; OIA, 2023). Os pescadores foram saindo da orla da praia, mudando-se para bairros mais distantes e abandonando a antiga vila dos pescadores. Atualmente os pescadores residem longe da praia e seu território original se restringiu à área atualmente denominada Praia das Canoas (um dos cantos da Praia Central) (figuras 18C e 20) e ao barracão de pesca, onde guardam seus apetrechos de pesca, local chamado agora Porto de Pesca Artesanal João Emílio Henrique ou Porto de Pesca Artesanal João Cavalinho. É possível que, mais antigamente, toda a Praia Central de BV fosse referida como Porto das Canoas.



Figura 19 – Costão dos Náufragos, com cruzeiro. Fonte: PBV (2021).

A Praia do Centro ou Praia Central, também conhecida como Praia das Canoas, tem 0,75 km de extensão (TEBECHRANI, 2023). O Porto de Pesca Artesanal João Emílio Henrique é considerado um dos pontos mais frequentados da praia. As canoas coloridas sobre a areia da praia tornaram-se uma característica cultural do município; sua presença traz referência e forma à identidade do lugar e é um dos pontos turísticos mais visitados e fotografados no município (OIA, 2023). A localização da famosa Casa dos Palmitos, visível em diversas fotografias antigas nas proximidades do Cruzeiro dos Náufragos e das canoas (figura 5), corrobora as localizações mencionadas.



Figura 20 – Imagem de satélite de Barra Velha. Fonte: adaptado de Machado & Gomes (2014).

Nesse contexto, em relação à nomenclatura “Barra Velha”, há diversas considerações que se apresentam:

- (i) há a possibilidade de que havia antigamente uma barra do Rio Itapocu em BV, pois, talvez, o Rio Itapocu corresse, no continente, em local mais ao sul e desembocasse em BV, embora não haja registro em imagens dessa situação (STEINBACH *et al.*, 2015);
- (ii) existe a perspectiva de que tenha havido uma desembocadura da Lagoa do Itapocu em BV (mais ao norte no município) e que esta tenha se fechado com a sedimentação, numa situação descrita em McSweeney *et al.* (2017), que citam lagoas com barra de abertura intermitente (denominadas ICOLLs, do inglês *Intermittently Closed/Open Lakes and Lagoons*), de ocorrência sazonal ou não sazonal. A movimentação da desembocadura é uma das possíveis origens para o nome do município Barra Velha, que indica a existência de uma antiga barra do rio em outra posição, mais ao sul, possivelmente junto às pedras do Costão dos Náufragos (lagoadebarravelha.eco.br/sobre);
- (iii) de acordo com o historiador amador Acacio Borba Coelho (*apud* BERNARDES, 2012a), a foz do Rio Itapocu localizava-se onde hoje é o centro da cidade de BV, no Porto das Canoas, porto este aonde os pescadores chegavam e de onde partiam e onde comercializavam sua pesca. No entanto, em virtude de um processo natural de assoreamento, a foz se deslocou paulatinamente cinco quilômetros para o norte, razão pela qual, dessa antiga barra, se deriva o nome Barra Velha;
- (iv) grandes chuvas que aumentavam muito a vazão do Rio Itapocu possivelmente provocaram a abertura de barras mais ao norte (MACHADO, 2014a);
- (v) é presumível que os pescadores pudessem acessar/entrar na lagoa do Rio Itapocu (que viria a se chamar Lagoa de Barra Velha) a partir do antigo Porto de Canoas, na praia central de BV, para pescar. Isso porque a lagoa do Rio Itapocu era considerada muito piscosa e rendia muito pescado aos pescadores (SOUZA, 2016);
- (vi) é possível também que o fechamento da saída da Lagoa do Itapocu na Praia Central de Barra Velha (natural ou de origem antrópica) tenha forçado o esporão arenoso a se abrir em direção mais ao norte, de maneira irregular, em função das precipitações que aumentavam o volume do Rio Itapocu (MARANHÃO, 2015);

- (vii) o Rio Cancela foi canalizado e sua desembocadura está na Praia Central, sob a forma de um molhe de pedras (FAGUNDES & SOUZA NETO, 2020);
- (viii) de acordo com alguns antigos moradores de BV (OIA, 2023), a lagoa do Rio Itapocu, que tinha uma de suas aberturas próximo à parte norte de BV, por causa de instabilidades na sua barra acabou se abrindo próximo ou juntamente com a desembocadura do Rio Cancela;
- (ix) segundo o jornal *O Argos da Província de Santa Catharina*, em publicação de 1861, a saída do Rio Itapocu se localizava em BV, junto à cancela de um proprietário de terras;
- (x) para o autor Junghans (2019), a antiga barra do Rio Itapocu estava localizada bem no início da atual praia da península, na Rua Armando Petrelli (figura 20). Segundo Nass & Vieira (2017), a barra da Lagoa do Itapocu veio a se abrir mais acima, ao longo da Praia da Península, por instabilidade do esporão arenoso, ficando a barra antiga assoreada por falta de movimentação das águas e nela se desenvolveram manguezais.

A partir dos anos 1970-1980, como relatado antes, houve um encaminhamento político-econômico do município de BV em direção ao turismo, que fez com que a área central (onde viviam os pescadores) fosse valorizada, levando ao deslocamento destes para locais mais ao interior do município.

Concomitantemente, a área final da Lagoa do Itapocu (BV), de águas paradas, encontrava-se em desvalorização em relação à orla, em termos sanitários e turísticos. Nessa perspectiva, visando ao melhor aproveitamento da localização, a área foi sendo aterrada, por iniciativa da Prefeitura de BV, o que ocorreu entre 1980 e 2000 (FAGUNDES, inf. pes.) (figura 21).



Figura 21 – Aspecto do centro de Barra Velha na década de 1970. É possível observar a lagoa ainda sem o aterro. A imagem foi colorizada por computador. Fonte: desconhecida.

O aterramento do final da lagoa do Rio Itapocu ensejou a criação de um espaço onde foi construída a praça pública Lauro Carneiro de Loyola (figura 22), situada no centro da cidade, na margem sul da Lagoa de BV, contornada por vias urbanas. Inaugurada em 1972, passou por diversas reformas de revitalização ao longo do tempo (STEINBACH & HOLLER, 2020). A praça está inserida na APP da lagoa, na margem sul. A área atualmente é um dos principais pontos de encontro de moradores, veranistas e turistas (FAGUNDES, 2008). Além da praça, foram construídas diversas edificações na faixa de areia entre a praça e o mar, na continuidade da praia da península em direção ao centro.



Figura 22 – Vista aérea de BV, vendo-se no detalhe o final da Lagoa de BV, aterrado, e a praça construída sobre a área aterrada. Fonte: PBV (2021).

Em 28 de março de 2004, ocorreu em BV uma ressaca do mar muito intensa. Foi causada pelo furacão Catarina, que atingiu o litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, considerado o único já registrado oficialmente no Brasil e no Atlântico Sul. Atingiu a região com intensidade máxima, a saber, ventos sustentados com velocidades de até 180 quilômetros por hora, ou seja, furacão de categoria 2 na escala de furacões de Saffir-Simpson (McTAGGART-COWAN *et al.*, 2006). O mar literalmente invadiu o centro da cidade, chegando os filetes de água do mar a conectar-se com a laguna (figura 23). É possível ver que, se não houvesse o aterro, a água entraria com muita força na laguna. Em outra área, na praia da península, mais ao norte, o mar também transbordou para a laguna, com ainda mais força. A costa de Santa Catarina tem registros de ressacas muito fortes desde sua ocupação. Assim, depreende-se que esse tipo de fenômeno deve ter ocorrido no passado remoto, e a ligação entre o Rio Itapocu, a laguna e o mar deve ter ocorrido. Tal situação pode ter sido vivenciada pelos povos originários que habitavam a região nos séculos anteriores à chegada dos colonizadores e que a relataram aos colonizadores quando estes últimos vieram se implantar na área. Assim, a imagem vem corroborar as conjecturas a que este estudo se propõe como explanação para as transformações geográficas e as dinâmicas territoriais refletidas na nomenclatura Barra Velha.



Figura 23 – Ressaca do ano 2004, em Barra Velha (SC). Fonte: desconhecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as modificações ambientais naturais e antrópicas ocorridas no município de BV no passado e o conhecimento sobre sua resultante conformação no presente permitem ampliar a análise da paisagem ambiental.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Junior, C. L. & Fermino, G. L. Plano de recursos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Itapocu. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina; 2017. 681 p. Relatório de atividades: produto 03 – etapa B.
- Bernardes, J. O divino e o profano: a inserção de novos discursos na Festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha [Trabalho de Conclusão de Curso em História]. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; 2005.
- Bernardes, J. Descortinando histórias. 2012a. Available at: <https://julianobernardes.blogspot.com/2012/05/descortinando-historias.html>. Access on: 6 Oct. 2025.
- Bernardes, J. Histórias de Barra Velha. 2012b. Available at: <https://julianobernardes.blogspot.com/2012/05/historias-de-barra-velha.html>. Access on: 9 Nov. 2025.
- Biblioteca Digital Luso-brasileira. “Mappa de medição e demarcação das vinte e cinco legoas de terras concedidas em complemento do dote a Sereníssima Princesa de Joinville, a Sa. D. Francisca, compreendendo os terrenos adjacentes, o rio de S. Francisco e ilha do mesmo nome na província de Santa Catarina”, por Jeronimo Francisco Coelho. Available at: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart219183/cart219183.jpg. Access on: 1 Jul. 2024.

Boer, P. Barra Velha através dos tempos. Barra Velha: Art & Texto Editora; 1992. 166 p.

Correa, I. C. S., Martins, L. R., Ketzer, J. M. M., Elias, A. R. D & Martins, T. Evolução sedimentológica e paleogeográfica da plataforma continental sul e sudeste do Brasil. *Pesquisas*. 1996; 9: 51-61.

Duarte, G. M. Estratigrafia e evolução do Quaternário do plano costeiro norte da Ilha de Santa Catarina [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1981.

Elita Imobiliária. A Guerra do Paraguai e o monumento em cidade do litoral de SC. 2021. Available at: <https://eliteimobiliaria.com.br/artigo/7098/a-guerra-do-paraguai-e-o-monumento-em-cidade-do-litoral-de-sc?srsId=AfmBOo onZQPE87PS0c5VLZ0qapUrayXalebr4582AXI15Q5vdQosUwZ4>. Access on: 12 Oct. 2024.

Elita Imobiliária. Barra Velha. 2020. Available at: <https://eliteimoveissc.com.br>. Access on: 15 Sep. 2024.

Elita Imobiliária. Barra Velha: a enigmática história por trás do nome da cidade que parece sussurrar segredos do mar. 2024. Available at: https://eliteimobiliaria.com.br/artigo/7211/barra-velha-a-enigmatica-historia-por-tras-do-nome-da-cidade-que-parece-sussurrar-segredos-do-mar?srsId=AfmBOorSr84gnB4A_gDPBtPtBHQ-rBOgWFIV8IFCyB1HiiVVdyEOiBpu. Access on: 18 Sep. 2024.

Fagundes, J. C. Algumas imagens antigas de Barra Velha. *Caca História*. 2013a. Available at: <http://cacahistoria.blogspot.com/2013/07/algumas-imagens-antigas-de-barra-velha.html>. Access on: 14 Aug. 2024.

Fagundes, J. C. Barra Velha: portal das praias catarinenses. In: Fagundes, J. C. (org.). Perfil cultural e turístico dos municípios catarinenses – Barra Velha. Barra Velha: Glück Edições; 2008. 25 p.

Fagundes, J. C. Compêndios – fragmentos para a história de Barra Velha. São Paulo: Editora Scortecchi; 2015. 200 p.

Fagundes, J. C. Pequenos apontamentos sobre a emancipação política de Barra Velha (1861-1961). Guarulhos: P Print Park; 2025. 102 p.

Fagundes, J. C. Síntese da História de Barra Velha. *Caca História*. 2013b. Available at: <http://cacahistoria.blogspot.com/2013/07/sintese-da-historia-de-barra-velha.html>. Access on: 19 Sep. 2024.

Fagundes, J. C. & Souza Neto, J. Barra Velha na linha do tempo. Barra Velha: Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina – Seccional de Barra Velha; 2020. 30 p.

Fossile, T., McGrath, K., Comes, P., Villanueva, J., Sayle, K. L., Gilson, S.-P., Haimovici, M., Alves, M. C., Bartz, M. C., Bandeira, D. da R., Borba, F. M., Ferreira, J. & Colonese, A. C. The historical ecology of subsistence and early commercial fisheries in mangrove systems in Brazil. *Journal of Archaeological Science*. 2024; 166: 105986.

Fumtec – Fundação Municipal de Turismo, Esporte e Cultura de Barra Velha. Barra Velha. 2024. Available at: https://linktr.ee/fumtec_bv. Access on: 17 Nov. 2024.

Giannini, P. C. F. Complexo lagunar centro-sul catarinense: valioso patrimônio sedimentológico, arqueológico e histórico. In: Schobbenhaus, C., Campos, D. A., Queiroz, E. T., Winge, M. & Berbert-Born, M. L. C. Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil. Brasília: DNPM/CPRM – Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (Sigep); 2002. p. 213-222.

Google Maps. Available at: https://www.google.com/maps/dir/Joinville,+Santa+Catarina/Barra+Velha,+SC,+88390-000/@-26.6376991,-48.6853036,371m/data=!3m1!1e3!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94dea3f39db1ab37:0xbc4b989df161e9fa!2m2!1d-48.8463744!2d-26.3043758!1m5!1m1!1s0x94d92b137cb564f9:0x1d8e6085c66acdcf!2m2!1d-48.684761!2d-26.6329266!3e0?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDUyMC4wKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Access on: 26 May 2026.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2024. Available at: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Access on: 7 Oct. 2024.

Junghans, M. A. Nossos rios de Barra Velha. *Jornal Folha Parati*. Janeiro; 2019.

Lopes Filho, J. C. A Barra que ficou “Velha”. *Escreva de Itapocu*. 26 jun. 2011. Available at: http://escribadoitapocu.blogspot.com/2011_06_01_archive.html?view=classic. Access on: 5 Jan. 2025.

- Machado, C. B. G. Desterritorialização e conflitos na pesca artesanal de Barra Velha/SC. Anais. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória; 2014a. Available at: https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1405704893_Arquivo_Artigocbg2014-Cristinaburattogrossmachado.pdf. Access on: 14 Sep. 2025.
- Machado, C. B. G. O território da pesca artesanal da Colônia Z4, Barra Velha, SC: o paradoxo entre a tradição e a modernidade [Dissertação de Mestrado]. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste; 2014b.
- Machado, C. B. G. & Gomes, M. F. V. B. A territorialidade e os conflitos da pesca artesanal na Colônia Z4 - Barra Velha/SC. Boletim de Geografia. 2014; 32(3): 170-187.
- Maranhão, M. O. A. Geomorfologia da Barreira Costeira do Itapocu [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
- McSweeney, S. L., Kennedy, D. M., Rutherford, I. D. & Stout, J. C. Intermittently closed/open lakes and lagoons: their global distribution and boundary conditions. Geomorphology. 2017; 292: 142-152.
- McTaggart-Cowan, R., Bosart, L. F., Davis, C. A., Atallah, E. H., Gyakum, J. R. & Emanuel, K. A. Analysis of Hurricane Catarina (2004). Monthly Weather Review. 2006; 134(11): 3029-3053.
- Nass, D. & Vieira, C. V. Evolução morfológica do esporão arenoso na foz do Rio Itapocu, município de Barra Velha/SC. Revista Brasileira de Geografia Física. 2017; 10(3): 674-689.
- OIA – Observatório de Interações no Ambiente. Paisagem cultural da Lagoa de Barra Velha. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; 2023. 35 p.
- Pallière, J. L. Diario de viaje por la América del Sud. Buenos Aires: Ediciones Peuser; 1945. 344 p.
- PBV – Prefeitura de Barra Velha. 2021. Available at: <https://turismo.barravelha.sc.gov.br/sobre-barra-velha/>. Access on: 20 Nov. 2024.
- Pereira, C. da C. História de São Francisco do Sul. Florianópolis: Editora da UFSC; 2004. 176 p.
- Perk, L. Hydrodynamics and sediment transport near the Itapocu River inlet, Brazil [Dissertação de Mestrado]. Delft, Países Baixos: Delft University of Technology (TU Delft); 2006.
- Shutterstock. Barra Velha. Available at: https://shutterstock.com/pt/search/barra-velha-sc?dd_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F. Access on: 13 Oct. 2024.
- Souza, A. B. de. Um patrimônio cultural em conflito: memórias, morte e transferência do Cemitério da Lagoa em Barra Velha [Dissertação de Mestrado]. Joinville: Universidade da Região de Joinville; 2016.
- Souza, J. P., Nascimento, I. R. M. A., Barros, M. F. S., Carvalho, A. S., Brito, O. S., Silva, A. P. C. & Almeida, Z. S. Ecologia alimentar do robalo *Centropomus undecimalis* Bloch 1792 (Teleostei, Centropomidae) na região costeira do Maranhão. Research, Society and Development. 2021; 10(9): e52010918194. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18194>
- Souza Jr., R. Um pescador da história. ND Mais. 2011. Available at: <https://ndmais.com.br/noticias/um-pescador-da-historia/>. Access on: 19 Oct. 2024.
- Steinbach, A. M. & Holler, K. R. (org.). Gestão para segurança hídrica na Bacia Hidrográfica do Rio Itapocu. Joinville: Univille; 2020. 52 p.
- Steinbach, A. M., Tomaselli, C. C. & Refosco, J. C. Atlas da Bacia Hidrográfica do Rio Itapocu. Jaraguá do Sul: Amvali; 2015. 148 p.
- Tebechrani, L. de F. Comportamento da linha de costa, interferência de obras costeiras e relações interpraiais: estudo de caso nas praias arenosas de Barra Velha, Santa Catarina [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2023.
- Tietz, A. L. & Mouga, D. M. D. da S. Lagoa da Cruz: caracterização ambiental e história. In: Bianchessi, C. Diálogos sobre o ensino e a educação: diferentes olhares e contextos. V. 4. Curitiba: Editora Bagai; 2024. p. 551-564.
- Wittmann, A. Ponte pênsil e antigo cemitério. 2022. Available at: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2022/01/ponte-pensil-antigo-cemiterio-bairro.html>. Access on: 17 Sep. 2024.